

Đĩ à±-mercantil”. (LIPOVETSKY, 2007, p.219). O consumo de bens e especialmente de serviços de TIC’s, constitui componente marcante do layout das cidades contemporâneas, não raramente viabilizado por meio de estratégias que contornam qualquer tipo de regulamentação formal ou controle fiscal. Por até R\$ 30, no Brasil moradores das favelas e de condomínios de luxo em bairros de classe média conseguem uma conexão de TV à cabo e Internet banda larga de velocidade de dados limitada, mas que, pela via do “arranjos informais” permite fugir do acesso discado e da “exclusão digital”. Tais arranjos costumam funcionar não apenas nas localidades onde as concessionárias não oferecem seus serviços de acesso à Internet, ou oferecem em condições incompatíveis com as demandas e poder de aquisição da maior parte dos moradores de certas comunidades, embora este não seja em regra sua condição de existência. A premissa de que as pessoas de baixa renda tendem preferencialmente a adotar estratégias como o “gato” cai por terra diante de estudos já realizados neste sentido, como o de YACCOUB (2010), acerca de arranjos ‘ilegais’ para consumo de serviços de energia elétrica em São Gonçalo/RJ apontam que mesmo famílias “com alto padrão de consumo” residentes em áreas populares “têm “gato” em suas casas. Ao perguntar o motivo, responderam simplesmente que sempre fizeram, consideram a tarifa da Energia alta demais, e que não querem deixar de se beneficiar do conforto que “lutaram” tanto para conquistar. Não consideram justo o valor cobrado, e dizem que com o dinheiro que “poupam” com a conta de energia “preferem” gastar comprando outros bens, como roupas, shows, trocando de carro, etc. (p.214:215) Embora estabelecidas em margens informais, tais práticas na maioria das vezes, de consumo são mediadas por algum tipo de “pagamento”, onde os sujeitos com rendimentos próprios procuram assegurar o acesso ao Ciberespaço, ou seja, em outros termos, em raros casos o “Gato” de Internet significa acesso ao sinal sem custos. Além do “Gato”, a aquisição do serviço nem sempre ocorre em “espaços públicos pagos” como Lanhouses, “que depois das residências são o lugar de onde o brasileiro mais acessa a Internet. Dados do IBGE mostram que 35,2% dos internautas do país usam a rede nesses locais, que só perdem para o acesso residencial, que tem 57,13% . Estudos anteriormente realizados como a pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet em 2005, 17,59% dos acessos à internet no Brasil eram feitos através dos centros públicos de acesso pago, o que já demonstrava a importância dessa forma de acesso à rede. Em 2007, outra pesquisa foi realizada e a importância das Lanhouses como fator de inclusão digital ganhou ainda mais relevância. Nada menos que 49% de todo acesso à internet no Brasil é feito dentro de Lanhouses, sendo que, quanto mais jovem e pobre, esse índice aumenta ainda mais. Nos parecem significativos os dados uma vez que

sinalizam que, nos últimos anos, são justamente as formas de acesso mediante pagamento com recursos próprios em arranjos ou redes de consumo como “GatoNet” ou “Favelox” (termos cunhados pelos próprios usuários deste tipo de serviço em ambiente doméstico) e Lanhouses ou Cibercafés que dão o lucro para os empresários e movimentam um complexo mercado informal nas localidades em função de uma enorme demanda dos jovens e crianças da comunidade, e dos baixos custos de implementação e manutenção desse negócio uma vez que de um modo geral, funcionam na informalidade apresentam-se como maior fator de inclusão digital no Brasil, como fruto do empreendedorismo das pessoas da própria comunidade. Desvios (“gatos”) não são encontrados apenas como partes estratégicas individuais em situações competitivas, mas podem ser institucionalizados de várias formas que removem ou protegem objetos dos contextos mercantis socialmente relevantes (APPADURAI, 2008, p.38) Por sua vez, o acesso ao Ciberespaço não se faz de forma tão simples no Brasil. Longe do acesso universal como promoção do Estado, o sinal de internet converte-se em bem de consumo dos mais desejados em sociedade brasileira. Entre as classes populares, por exemplo, notória é a demanda de consumo individual ou coletivo de bens como eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos, dentre estes computadores, celulares e similares a partir dos quais se pode estabelecer conexão com a Internet, atuam como acessórios que servem como “elementos estruturantes das memórias e novas identidades que se forjam”(CASTILHO, 2006, p. 141) incorporado principalmente em mercados informais de comércio como camelódromos, feiras-livres ou mesmo práticas como o “gato”. Ainda que “o desvio de mercadorias de sua rota costumeira sempre carregue uma aura arriscada e moralmente ambígua” (APPADURAI, 2008, p.44), se faz presente em relações locais seja em avaliações morais depreciativas ou afirmativas. Pois os consumidores com menor poder aquisitivo também processam suas escolhas e as hierarquizam em termos de uma escala de valores assim como consumidores de outros extratos sociais (BARROS, 2007) o que pode ser verificado especialmente no consumo de bens simbólicos como a Internet. Uma vez que o Ciberespaço coloca-se como um novo padrão institucional com linguagem e inteligibilidade peculiares uma tecnologia de informação, um bem de consumo de natureza híbrida (espaço humano, político e material conjunto de ferramentas e maquinário), bem simbólico concomitantemente valorizado como mercadoria e carregado de significações e tanto o caráter mercantil quanto cultural (BOURDIEU, 1974), em crescente processo de valorização. Entre tanto, o acesso proativo dos sujeitos a ambientes virtuais, especialmente por formas de consumo “precárias” traz questões que modelos analíticos consagrados não conseguem dar conta se consideramos o papel dos consumidores iniciais, senão na criação de um produto, pelo menos na certificação

ção de uma marca ou no seu aperfeiçoamento. Se não o fazem em termos materiais ou tangíveis, fazem-no, sobretudo, nos aspectos intangíveis, como fornecedores das matérias-primas narrativas e imagéticas, a partir das quais produtores de marketing criam novas associações com eles. (GOMES, 2007, P. 319) O Consumo do acesso ao Ciberespaço tem na agenda de diferentes segmentos sociais posições equivalentes a pontos de pautas clássicos como emprego, moradia, educação e moradia. Pois o Ciberespaço cada vez mais é percebido como lugar de visibilidade para diferentes grupos. Com ou sem a mediação do Estado ou qualquer outra organização sem fins lucrativos, as pessoas têm encontrado formas incontáveis de inclusão. A ampliação do crédito e as possibilidades de aquisição de equipamentos eletro-eletrônicos, dentre eles computadores celulares e mesmo serviços de telefonia e TV a cabo consubstanciam movimentos locais nas mais distintas comunidades de acesso a bens e serviços. Diante de tal cenário e da compreensão de que existem peculiaridades no manuseio que perfazem os sujeitos que acessam a internet e em condições específicas e comuns, como sinalizam SLATER&MILLER (2004), por exemplo, a partir de investigação realizada em cibercafés em Trinidad e Tobago que: “Nem a Internet é dada como uma tecnologia que é o objeto de estudo, nem Trinidad é separado como um contexto social ou cultural. Ao contrário, nós objetivamos examinar a Internet como um processo cultural trinitino, assim como entender como Trinidad pode agora ser, dentre outras coisas, um produto do uso da Internet.” (2004, p. 47) Menos que apontar causas econômicas, nos interessa identificar e compreender tais estratégias de acesso ao Ciberespaço como portadoras de sentido cultural amplo, mesmo porque, são múltiplos os sentidos que as pessoas podem atribuir às suas próprias ações o que revela suas expectativas em relação ao conjunto de instituições e padrões jurídicos e regras de mercado com que se relacionam, o que em termos últimos definem suas escolhas diárias. Diante do entendimento de que formas de apropriação e manuseio diferenciadas do acesso à Internet são desenvolvidas em distintos grupos sociais e que a partir da identificação das nativas, bem como certos aspectos do consumo de TIC's invisíveis às grandes pesquisas de cunho que estatísticos, nos propusemos a investigar as práticas de Consumo do Acesso ao Ciberespaço em mercados informais, e especialmente por meio dos “gatos”, procurando identificar e dar visibilidade por meio de pesquisa etnográfica aos diferentes usos e contra-usos empregados por múltiplos atores envolvidos em processos de CONSUMO DO ACESSO À INTERNET, tomando como campo empírico a comunidade da Nova Holanda, no complexo de favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro. 2 - O Consumo de TIC's como o “texto”, a Favela como “contexto” da pesquisa A realidade das Favelas é complexa e, paulatinamente, passa a ser tomada po

r distintos olhares e intenções até constituir-se como território oficialmente circunscrito pelo Estado. “Aglomeração percebida como temporária, transitória, é, no entanto, logo reconhecida pelos primeiros observadores como detentora de valor econômico e, como tal, explorada mediante a cobrança de aluguel do “chão” ou dos barracos. O primeiro Censo das Favelas (1949) vem confirmar essa realidade, encontrando nada menos que 31,4% de unidades em que se pagava aluguel pelos barracos e 6,4% de unidades em que se pagava aluguel pelo “chão”, perfazendo um total de 38%.” (VALLADARES, 2000, p.08) A favela revelava-se então, desde sempre como “uma forma de organização tipicamente capitalista, com uma vitalidade econômica que chega a espantar àqueles que com ela se defrontam” (SILVA, 1967, p. 37) Entretanto, a lógica predominante continua enxergar na favela a expressão da crise urbana e “o discurso sobre a pobreza não é, no entanto, fruto exclusivo da base material da sociedade, mas se reporta, também, à sua base moral. (VALLADARES, 1989) Longe de ser lugar de pobres desassistidos pelo Estado, criminosos perigosos, depósito de todo o lixo da cidade, a Favela é povoada por redes diversas de atores com repertórios de ação diferenciados. Em que pese a heterogeneidade econômica que possa existir nas múltiplas práticas e vivência cotidiana num mesmo local cria e renova os seus símbolos de identidade. (ALVITO&ZALUAR, 2003). Boa parte destas dinâmicas são encarnadas nos diversos modos de consumo e apropriação de TIC’s. A observação do caso da Maré nos permite tal afirmação, uma vez que práticas como a do “gato”, seja de energia elétrica, TV à cabo ou Internet o próprio traçado de suas ruas recobertas de fios e cabos entrelaçados por si revelam. A Maré é constituída por um grupo de dezesseis favelas que ladeiam a Avenida Brasil, importante via de circulação que une a Zona Oeste ao centro da cidade, mais precisamente na região da Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Censo Maré 2000, na localidade residem cento e trinta e duas mil pessoas. Dados do novo Censo Maré sinalizam o funcionamento de diversos equipamentos públicos e serviço ao longo de seu território heterogêneo, dentre estes, a oferta de serviço de telefonia e Internet. Com um quadro populacional que a caracterizaria como cidade média do Brasil, densidade média de 3,45 habitantes por domicílio. a Maré é conhecida pela força dos movimentos sociais organizados, fruto de longa história de lutas na comunidade, é alvo de ação de diversas ONG’s. Possui uma rede significativa de comércio local, diferentes igrejas e espaços de lazer como lanhouses, a Lona Cultural, a Vila olímpica, também muitos bares. Um dos aspectos da vida na Maré que não pode ser ignorado por muitos pesquisadores é a relação criativa e singular que os moradores estabelecem com as diversas TIC’s, especialmente os modos de apropriação e manuseio de celulares e computadores. Entretanto e especialmente no que toca

a às análises produzidas sobre a comunidade por cientistas sociais podemos perceber certa ênfase nas suas supostas carências, conflitos. Procuramos nos afastar desta orientação, assim, compartilhamos a perspectiva de análise com pesquisadores que privilegiam o consumo como lócus de sua observação, “eveu-se ao desejo de investigar um tema muito pouco associado a camadas populares. Um dos preconceitos em relação a essa população aparece na atitude de se enfatizar a lógica da “falta”, o que levou ao pouco interesse e em se realizar pesquisas sobre o consumo popular e a uma dominância de estudos sobre “estratégias de sobrevivência” no campo das ciências sociais até os anos 80.” (SARTI, 1996; BARROS, 2007). Os usos que as TIC’s ganham na comunidade, especialmente se pensamos o acesso à Internet, por sua própria ‘natureza’ permite ao morador a circulação em espectro mais amplo que apenas o “pedaço” classicamente definido lugar das relações de vizinhança e contatos face-a-face encontrados por Magnani (2000) no estudo da periferia da cidade de São Paulo. A Internet, além de fortalecer associações e vínculos próximos, institui novas possibilidades de conexão a outros grupos, culturas e experiências de ser e estar não só na cidade, como em territórios remotos (seja pela conexão estabelecida com outros sujeitos em outras partes da cidade, país e mesmo outros continentes, seja pela interface propiciada por games amplamente usado, sobretudo por jovens nas lanhouses espalhadas pela Maré) (GRANOVETTER, 1983). Evidencia representações do nativo a acerca de sua própria posição territorial, atenuando noções clássicas associadas à vida na favela como exclusão, distância entre centro e periferia, dentre outras tão comuns, como sinaliza (BORGES, 2009), em seu estudo sobre lanhouses na cidade de São Paulo, “É preciso superarmos a visão que opõe a periferia ao centro. Esse antagonismo não ocorre de forma homogênea, em especial na metrópole paulistana (Magnani, 2006). A periferia é atualmente atendida por uma infra-estrutura que não necessariamente a coloca em destacada desvantagem ou atraso em relação ao centro. Consideremos principalmente a infra-estrutura que permite o consumo, uma vez que hoje o indivíduo que não consome, segundo Bauman (2007), está anuladas periféricas em virtude do alto número de moradores que constituem um público consumidor significativo. Esses equipamentos comerciais que visam atender à demanda local reduzem as idas ao centro, ao menos quando se trata de solucionar as necessidades e desejos de consumo cotidianos.”(p. 06) Dados de pesquisas desenvolvidas por Sorj (2004) por meio de surveys junto a oito favelas da cidade Rio de Janeiro, dentre as quais o Complexo da Maré estava incluído, revelou resultados interessantes no que diz respeito às condições de acesso à computadores e tecnologia de conexão via Internet nestes territórios que além do serviço oferecido pelas concessionárias

s/Teles seja por via direta ou por mediação e redistribuição via ‘gatos’, conta também com Telecentros mantidos pelo Estado e Ongs como, no caso da Nova Holanda a REDES Maré e a Viva Rio, a partir de bases chamadas “Estação Futuro”. “No tocante aos locais de acesso à Internet mais utilizados nas comunidades do município do Rio de Janeiro, 29,2% casa de parentes e conhecidos, 21,7% casa, 8,7% trabalho, 7,3% instituições educacionais, 4,4% cursos, 32% Estação Futuro.”(p.17) Na Maré, em relação à localização do computador, “o percentual dos usuários de net via estação futuro era de 50,7% enquanto os que não a utilizavam como base era de 49,3%. Sendo estes 49,3% distribuídos entre 27,6% de acessos feito de casa, 32,4% do trabalho, 28,6% da casa de amigos ou conhecidos, 12,7% cursos, 5,5% Estação Futuro (nas comunidades em geral). 29,7% Estação Futuro (em comunidades que possuem Estação Futuro) (p. 23) Em relação aos números apresentados, Sorj (2004) tece as seguintes considerações em relação aos usuários: “Aqueles que se utilizam de telecentros dependem da existência desse recurso nas proximidades, de condições financeiras para pagar o serviço e da disponibilidade de computadores do telecentro em horários de seu interesse. Aqueles que têm acesso em casa de amigos ou de familiares também enfrentam diretamente, os usuários das Estação Futuro - telecentros da ONG VivaRio, que oferecem acesso a preços menores - apresentam o mesmo perfil educacional e de ingresso do típico usuário de computador e Internet da favela:(p.21)” Na Nova Holanda, é possível afirmar que boa parte do acesso à Internet na comunidade é feita a partir da aquisição serviço mediante pagamento. Ao contrário do que se poderia imaginar diante do discurso pro-inclusão digital e universalização do acesso possibilitada por Ong’s, em alguns casos em parceria com instituições de pesquisa como as UFRJ e Fiocruz, o uso da Internet nem sempre é gratuito, o que implica algum tipo de desembolso por parte do usuário. Este fato indica que o acesso à Internet ganha espaço, de alguma forma, na lista de bens de consumo fixo dos moradores, pois seja pela lanhouse, pelo contrato formal com alguma concessionária, por arranjos informais como o ‘gato’, bem como via provedores comunitários e projetos de ONG’s como o “Estação Futuro” da Viva Rio, a conexão é comprada. Desta forma, além dos suportes e suprimentos (computadores, celulares, cabos, etc.) necessários para navegar no Ciberespaço, os moradores precisam pagar pelo sinal, o que de certa forma, incide na reconfiguração do modelo de trocas/comércio de serviços da comunidade, o que coloca a Internet em posição importante no ranking das TIC’s que integram o mapa de consumo local, assim como o sinal de TV, mais recentemente na modalidade de cabeamento e rádio já bastante discutidos em outras pesquisas. 3 - A “navegação” na Maré e suas “embarcações”: sobre as redes de oferta e distribuição do acesso à Internet na Nova Holanda Diante do reconhecimento d

e que parte significativa do acesso à Internet na Nova Holanda se dá a partir da “compra” do sinal, entendemos que até então não é explorada suficientemente a dinâmica deste universo de consumo se levamos em consideração o além da dimensão econômica baseada em preço, renda, endividamento, contratos, como um território complexo, podemos identificar alguns sujeitos e formas de associação privilegiadas pelo grupo quando pensado a partir dos usos e a forma como a Internet é acessada naquele território. A comunidade é marcada por uma história de povoamento, organização política, relação com aparelhos estatais, usufruto de políticas públicas, desenvolvimento de mercado interno de bens e serviços, assim como resultados de disputas violentas entre facções criminosas. O que torna os padrões das associações entre os atores locais entre si e com agentes externos extremamente heterogêneos. Entendemos que o acesso a Internet é resultado de processo de criação técnica sofisticada como qualquer Tecnologia de Informação. Este por sua vez, que faz parte de um amplo e híbrido conjunto de espraiamentos que vão ganhar projetos científicos (recursos digitais), cuja expansão é orientada tanto por planos institucionais e jurídicos (marco regulatório da Internet e das Comunicações em geral), quanto por políticas de mercado (disputas entre concessionárias, as chamadas “Teles” e investidores) e políticas públicas (no caso do Brasil recente, o PNBL – Plano Nacional de Banda Larga). O cruzamento de tantas esferas de ação nos leva a entender que o que torna a produção, circulação e troca do complexo bem de consumo Acesso à Internet possível é a movimentação de uma densa REDE SÓCIO-TÉCNICA, onde todos os elementos mencionados e muitos outros a serem identificados ao longo da pesquisa agem concomitantemente e em direções e velocidades cambiantes. Por sua vez, esta grande rede sócio-técnica se desenvolve por meio de fluxos diferenciados, que no caso da Nova Holanda, poderíamos denominar redes-satélites (que gravitam em torno do acesso à Internet), constituídas por associações diversas, ATORES E AGENCIAS motivadas por interesses específicos: os moradores (consumidores/usuários dos serviços de acesso seja via “gato” ou via contrato formal); as concessionárias (TELES), mercado ionários de lanhouses, técnicos das TELES que são intermediários entre mercado formal e informal), agentes políticos (Estado, ONGs, lideranças comunitárias e de Telecentros) e os atores que tocam possíveis iniciativas do modelo de acesso regulado pelo “provedores comunitários”. A identificação dos elementos constituintes das redes sócio-técnicas, suas indissociabilidade e contextos de presentificação, tem sido um dos caminhos mais férteis para a compreensão das questões referentes à Internet postas e vividas pelos moradores da Maré. Privilegiamos na pesquisa o “gato” como rede de distribuição local do sinal e arranjo para o consumo compartilhado de internet,

por imperativos colocados pelo próprio campo. Mas aqui, desejamos, a partir dele, refletir dinâmicas as que todas as redes de distribuição local do sinal podem estar sujeitas. A distribuição do sinal que permite o acesso à Internet como já indicamos, é feita a partir de múltiplos processos de ‘atualização’ de heterogêneas redes sócio-técnicas. Estas podem ser pensadas, para efeitos de análise, a partir de pontos catalizadores, dimensões do tecido social que segundo Law (2011), imprimem ritmo à rede por meio do exercício de um tipo de poder específico. Neste caso, entendemos que aquela parte dos atores que controla as fontes de abastecimento, funcionam como tais ‘pontos’ e sua identificação pode ser uma boa estratégia para acompanhar as associações que a partir delas serão feitas. Existem fontes diversas de acesso à Internet na Maré. Estas vão de escolas públicas, Telecentros via provedores comunitários e/ou financiamento estatal, passando pela iniciativa privada, onde as concessionárias/operadoras/Telecos oferecem serviços com custos diferenciados. Dentre elas NET e Oi/Velox, GVT e outras provêm o sinal que por sua vez é apropriado de distintas formas pela comunidade. Essas diversas formas de apropriação que são efetivadas na região tornam-se importantes, uma vez que nosso interesse de pesquisa gravita em torno do consumo de informais, os diferentes tipos de ‘gatos’ que viabilizam o seu uso aos moradores implicam em algum tipo de custo, ainda que atenuado ao consumidor nativo da região. O uso da categoria “gato” para a designação das práticas que observamos, embora apareça na fala nativa, parece não dar conta do sentido que no caso da Internet é construído. Entretanto até o momento nos atende, uma vez que, segundo YACCOUB (2010), “o ‘gato’ é uma gíria (categoria nativa) utilizada para fazer referência a qualquer tipo de ligação clandestina nos mais diferentes setores, desde energia elétrica, TV a cabo, água e internet.” (p. 08), por sua vez: “Apesar de todas as formas coercitivas exercidas pelas instituições públicas e privadas, além das inovações tecnológicas e conflitos, o “gato” permanece vivo e se reproduz nas diferentes esferas e estratos sociais ainda mais em se tratando de um território onde impera a informalidade como as favelas.” A utilização de “gatos” de serviço de TV a cabo, que incluem um pagamento de “manutenção” ao responsável pelo serviço. Em algumas comunidades cariocas, quem faz o serviço pode estar vinculado de alguma maneira a concessionárias privadas, o controle deste potlach de “gatos”, que incluem ainda, TV à cabo e energia elétrica não raras vezes está nas mãos das facções criminosas e/ou por milicianos (ALVITO & ZALUAR, 2003). O que nos leva a entender que de espontâneo existe e muito pouco neste tipo de arranjo para consumo. Em campo, um informante inclusive indagou se realmente queríamos saber sobre o tema, o que de certa forma em sua avaliação, mexeria com os milicianos e poderia parecer afronta suas regras de silêncio na comunidade. Hoje, na Nova Holanda, como na

maior parte das favelas cariocas, encontramos uma complexa rede de distribuição, inclusive com algum nível de burocracia. A ideia de ‘gatos’ que nascem pobres, mas morrem livres pode se aplicar sim no que toca à relação com as concessionárias privadas e a lacunas na implementação de políticas públicas de respeito ao desenvolvimento de novos modos de geração de renda não regulados por agências formais. KRAPP (2006) por exemplo, aborda o ‘gato’ sob a perspectiva da construção de uma nova ética do trabalho e solidariedade na comunidade da Mangueira, onde “A TV a cabo é distribuída por arranjos de ‘gato’, onde cada residência paga a mensalidade de 15 reais e ainda tem direito ao canal local - especificamente local. Chamado de “TV Gato”, ele é produzido dentro da favela e veicula atividades e eventos como os ensaios da escola de samba. A internet, também distribuída por “gato”, é utilizada por meio da plataforma de banda larga e está presente em lan houses, em casas dos moradores e até em alguns estabelecimentos comerciais.” (P.05) A atualização do ‘gato’ pode servir como estratégia de sobrevivência e empreendedorismo dos moradores, especialmente quando dissociada dos poderes da Polícia e dos grupos criminosos organizados presentes na comunidade, o que ilustra o trecho a seguir: Foi Cirilo que conseguiu levar a Internet banda larga para o morro. Ele conseguiu emprego na companhia responsável e, na primeira oportunidade, operou o sistema para que ele autorizasse a instalação da rede — o que a população estava solicitando há anos, sem sucesso. “Achavam que, por sermos favelados, não iríamos pagar”, explica o rapaz. Mas isso não foi o bastante: como, de fato, pagar as altas mensalidades do serviço? O jeito foi instalar um único ponto de Velox, na casa de um dos sócios da Lan House, que distribui o acesso às outras residências (um sistema similar ao de uma empresa), por um custo mais de 50% mais baixo que o normal. É claro que este indivíduo se beneficia com o lucro do serviço — mas, de qualquer forma, ele está cumprindo uma provisão que se opõe à tendência da exclusão. — Sofremos preconceito sim, mas não somos excluídos. As pessoas na rua nos olham diferente. Mas, ainda assim, não me sinto excluído de nada.” Mas o “gato” potencializa não apenas a emergência da diversidade amparada em imagens cristianizadas, também fomenta arranjos competitivos, sendo nicho de práticas humanas, demasiado humanas, onde se exercem poderes sob imposição de certos constrangimentos, luta-se por manutenção do status quo, etc. O fato é que o ‘gato’ como todos os movimentos feitos na comunidade, reifica certas ordens, institui novas que vão além do acesso à Internet. A investidora de quem tem o poder de distribuição do sinal neste caso, pode incidir objetivamente na reconfiguração de papéis e poderes na cena local. Assim como na Mangueira, a Maré é palco de construção de diversos arranjos informais para a garantir o acesso à net,

na fala de “Cirilo” fica explícita a relação complexa que conjuga elementos heterogêneos numa mesma rede de prestação de serviço. O ‘gato’ de Internet, pode representar mais que a imagem clássica do morador que, “puxando um fio”, fazendo uma ligação pode ter Internet em casa. Ele também se converte em fonte de abastecimento para a lanhouse, para Ong’s e até mesmo para alguns aparelhos do Estado presentes na região. Diante da sondagem de um informante junto a um proprietário de lanhouse da Nova Holanda quanto a possibilidade de uma conversa conosco, pudemos perceber diante da recusa e justificativas dadas, a porosidade das redes de distribuição do acesso. Lanhouse, comércio local e milícias perfilam acordos ambíguos e a quebra destes tornam por exemplo, inviável a sobrevivência do negócio, a permanência do morador na localidade, etc. O que não invalida a ideia de que, esses acordos contribuem também no fomento de novas formas de trabalho e remuneração, de um conjunto de trocas materiais e não-materiais, por meio do comércio do serviço que continua sendo “vendido”, mas mediante uma rede ampliada de agentes que incluem moradores, técnicos, concessionárias privadas, ONG’s e Estado. Todo um sistema de prestação total com é construído com vistas ao atendimento de demandas de consumo reais que emergem na comunidade. Procurar identificar início e/ou fim da trama é absolutamente impossível, uma vez que seu traçado impõe ao observador a manutenção do ritmo, de maneira que, depois de um tempo tentando seguir um ou outro cabo/fio, nos vemos circulando pelo bairro. A ideia de circulação é imperativa diante de teias que levam a outras costuras quase que num continuum. Algumas entrevistas que fizemos, nos permitiram visualizar diferentes interações e agências delas decorrentes, seja no universo da lanhouse, do telecentro, da escola ou em domicílio, o acesso à Internet se faz a partir de um conjunto de negociações, que incluem especialmente um conjunto de objetos técnicos (computadores, roteadores, cabos e afins) e distintas redes que operam neste território. Território este que se converte em “laboratório” cujas condições de trabalho como LAW (2011) já chamara a atenção, é marcado por uma série de controversias que evidenciam a gama de redes em que o labor do etnógrafo está envolvido. A distribuição do acesso à Internet como fruto de complexas negociações cujos protagonistas não estão previamente definidos, o que fica muito evidente no ‘gato’. Exemplo claro disso é a constante inclusão de novos atores nas associações, seja em função da intervenção do Estado tendo em vista a implementação de políticas públicas de inclusão digital, da oferta diferenciada de serviços das concessionárias, assim como a alteração em quadros de comando na comunidade seja no que diz respeito ao movimento comunitário ou ao domínio de das facções criminosas. A partir destes imponderáveis, as redes vão se reconfigurando, exigindo agilidade

do pesquisador. “ A partir do momento em que as coisas vão mal, as interações entre redes diversificam-se e o que era simples torna-se brutalmente complexo: o cientista-empresário descobre, então, uma multidão de agentes que não conhecia e com os quais deve negociar a regularidade de seu fornecimento.” (p. 10)

vimentação de indivíduos, estas reconfigurações constantes no tecido social muito comuns na Maré, são constituídas a partir da própria dinâmica de associações-verbo. “Verbo” porque seus efeitos não constituem enumerações de performances justapostas e autônomas, mas sim, por funcionarem como conjunto heterogêneo que produz mesmo e por meio de suas contradições internas seus próprios ruidos; “uma rede de atores é simultaneamente um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede, capaz de redefinir e transformar seus elementos.” (CALLON, 1986, p. 83).

Assim como construções feitas diariamente dos atores em múltiplas redes o âmbito da Nova Holanda, a própria atividade de pesquisa constitui um empreendimento em que investimentos são feitos orientados por lógicas diversas. A suspensão temporária de nossas visitas à comunidade em função de um momento particular de tensão onde algumas redes colidem indicam a impoderabilidade do que desejamos observar já sinaliza que, embora necessária, qualquer tentativa de programar a etnografia, privilegiando uma ou outra categoria analítica e/ou instrumento de investigação, estará sujeita à negociação no decorrer da pesquisa, uma vez lógicas distintas incidem em sua execução. “a ciência de laboratório não é puramente, nem mesmo principalmente, uma atividade cerebral. É antes uma questão de organização, e sua prática exige um comportamento próximo àqueles que se atribui aos empresários. Meu objetivo não é, ao dizer isto, de atacar ou de criticar as ciências. Proponho a noção de empresário como metáfora útil a fim de refletir sobre a natureza da atividade científica. Todos os cientistas que obtém algum sucesso trabalham criando e combinando uma série de recursos heterogêneos de tipo conceitual, físico, econômico e humano: em uma palavra, agem como todos os empresários”. (LAW, 2011, p. 03)

O reconhecimento de tantos empreendimentos em curso pode evidenciar a impotência do etnógrafo diante dos que se colocam na mira de suas lentes desejosas de conhecimento. Impotência Criativa, que análoga à experiência de Pandora, passa a ter que lidar com cada fato/entidade como o resultado da bricolagem de muitos materiais. A caixa de Pandora é a “caixa preta”, o mundo de conexões encerrado em qualquer objeto que se ponha sob investigação por ciências compreendidas como Redes. Deste modo, a prática do “gato” como recurso para o acesso à Internet pode revelar-se como uma “caixa preta” a ser cuidadosamente aberta e vasculhada uma vez que os elementos nela circunscritos podem revelar muito da experiência que os moradores em interface com as novas TIC’

s protagonizam. Para enfrentar tal desafio, uma das sugestões de Latour para a uma investigação consequente é procurar rastrear associações, segui-las a partir de dos vestígios que vão produzindo sob a forma de materialidades diversas. No nosso entendimento, os “gatos” para acesso à Internet como outros constructos, são frutos dos movimentos não lineares de redes cujos padrões de associações que as constituem deixam “rastros” (de disputas pelo controle do território, desejo de ampliação do repertório de bens de consumo dos/pelos moradores, de modos diferenciados de recepção e apropriação de políticas estatais e de mercado, etc.) os quais devemos seguir. As redes sendo constituídas de associações, por sua vez, se constroem e substanciam a partir de modos particulares de “agenciamento”. “O agenciamento tem a virtude de designar a agência e de não reduzi-la ao corpo humano ou aos instrumentos que prolongam o corpo humano, mas de designá-la nos conjuntos de configuração de arranjos em que cada elemento esclarece os outros e permite compreender porque o agenciamento atua de certa maneira” (CALLON, 2008) Como já pontuamos anteriormente, a agência não parte de um núcleo humano puro, sendo resultado do entrelaçamento de elementos heterogêneos e de composições diversas. Tal disposição se evidencia de forma privilegiada no emprego, determinados componentes técnicos tornam-se cada vez mais indispensáveis no processos cotidianos, como os próprios nativos sinalizam, o acesso é uma demanda real para arranjar trabalho, para participar de interações simples outrora diretas e hoje potencializadas pelos recursos de comunicação (email, SMS, sites de relacionamento como o Orkut e o Facebook amplamente usados pelos moradores de todas as faixas etárias e mesmo o acesso aos serviços de primeira necessidade como bancos, agendamento de consultas médicas, emissão de documentos de identificação e tributos instituídas pelo “Governo Digital”). Os chamados agentes não-humanos compreendem um espectro de seres que vão desde o aparato material, passando por organizações, instituições e seus protocolos, até quadros normativos e/ou prescritivos e explicativos diversos. Neste sentido, a definição de objetos, espacialidade e temporalidade legítimas e preferenciais aos investimentos do etnógrafo será construída em cada circunstância e potencialidades nela contidas expressam o que Callon (2008) sinaliza como virtude de “designação” da ação que o agenciamento carrega, mas não a perpetuação de seus efeitos, uma vez que os seres, humanos e não-humanos não estão prontos, mas em perene processo de constituição. Se o sujeito do agenciamento são os atores, aqueles que “produzem efeitos na rede, que a modificam e por ela são modificados, estes elementos devem fazer parte de sua descrição.” (LATOUR, 2006, p. 57). Entretanto, o próprio Latour alerta que não é possível antever que atores exercerão efeitos na rede, é preciso segui-los. Num jogo de forças heterogêneas como o que se desenrola na Favela, onde o tecido social se reconfi

gura constantemente, posições se alteram e ordens se estabelecem e igualmente arrefecem, movimento importante a ser considerado é o de “entredfinição dos atores”. Momento em que conjuntos, arranjos temporariamente estabilizados experimentam de forma mais aguda o “risco” que Redes em movimento oferecem e seus respectivos tamanhos são temas permanentes nas controvérsias que se estabelecem” (CALLON, 1986). Assim, problemas para a garantia de um sinal de qualidade pela “Estação Futuro”, somado à investimentos das concessionárias propiciam o florescimento da lanhouse e potencialização do próprio “gato” como caminhos privilegiados para o acesso à Internet na Nova Holanda. Somam-se as expectativas de sujeitos intencionais de alguma forma conectados a signos de macro-forças como movimento de contracultura e os programas oriundos de seu complexo pautados em experiências de reflexividade (BECK, GIDDENS, LASH 1997), ontologia das emoções (CAMPBELL, 2001), perspectivas construtivistas, lúdicas e interativas florescem num campo fértil à crítica de uma racionalidade instrumental, de modelos disciplinares e classificatórios demasiado rígidos e restritivos, os quais ao acesso à Internet em Telecentros e Escolas é condicionado (a navegação a partir destes espaços além de limite de tempo, horário, é regulado por restrições ao acesso a determinados sites). Mesmo que existam constrangimentos ao acesso feito a partir da lanhouse ou de casa, certamente permitem mais autonomia ao usuário, o que sem dúvida, contribuirá no processo de estabilização de certos arranjos internos que favorecem a sobredeterminação de certas associações em relações às outras. Este desenho consiste na “tradução” de orientações postas por agenciamentos de determinado momento. “Os atores (individuais e coletivos/humanos e não-humanos) trabalham constantemente traduzindo suas linguagens, seus problemas, suas identidades ou seus interesses para os outros. É através deste processo que o mundo se e constrói e se desconstrói, estabiliza-se e desestabiliza-se.” (CORCUFF, p.112) O consumo do acesso à Internet a partir da lanhouse e do “gato”, neste contexto, perfila como uma modalidade de tradução uma vez que estas “cadeias são trabalhadas por diferentes atividades: estratégias concorrentes, confronto, a elaboração de dispositivos de interesse e pontos de passagem obrigatórios a fim de selar alianças e associações entre atores e a emergência de porta-voz destas associações sobretudo.” (CORCUFF, p.112) 4 - Finalizando No dilema de manter o “capital de conectividade” enfrentado pelos moradores os leva a à adoção de novas estratégias, no intuito de aquiescer associações poderosas com atores emergentes e arranjos em franco processo de estabilização. Neste contexto emergem mediadores importantes que, “com o uso de diversos dispositivos de inscrição, o traduzem outros atores numa vontade única da qual ele se torna porta-voz.” (LATOURETTE, 2005, p

. 51). Ou seja, consolida-se uma nova estabilização apoiada em um novo conjunto de interações . Entretanto, o domínio de sua engenharia mantida nas mãos dos “tradutores” revela o prolongamento de estabilizações a partir de certas Redes, cujos arranjos são reconfigurados de forma sagaz por atores que compreendem minimamente o funcionamento de sua órbita. Poderosos tradutores neste contexto, que ‘facilitam’ a distribuição do sinal de Internet na Maré tornam-se fundamentais. Sejam eles “gateiros” (YACCOUB, 2010), membros de facções criminosas, lideranças comunitárias, milicianos, comerciantes locais, aceleram a comunicação, são atores que transitam entre mundos diferenciados, tradutores das diferenças culturais. Eles contribuem na movimentação da complexa rede sócio-técnica implicada na viabilização do consumo de acesso à Internet na Maré. Eles e os demais elementos das redes, suas agências diferenciadas e multifocalizadas compõem a miríade de fios que poderão ser encontradas nas caixas-pretas que tão zelosamente os nativos alimentam em suas práticas cotidianas. À totalidade de seus arranjos certamente não podemos dar conta. Mas pretendemos acompanhar alguns de seus rastros no intuito de compreender um pouco mais, a partir do estudo de um caso específico, o da Maré, as estratégias de consumo de TIC’s comuns que garantem o acesso à Internet, bem os usos e os contra-usos que ela recebe no Brasil contemporâneo.

5 – Referências Bibliográficas

APADURAI, Arjun. “Introdução: Mercadorias e a política de valor”. In *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, RJ, EDUFF, 2008.

ALVITO, M & ZALUAR, A. (orgs). *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BARROS, Carla P. Hierarquia, escassez e abundância materiais: um estudo etnográfico no universo de consumo das empregadas domésticas. In: MIGUELES, Carmem (org.) *Antropologia do Consumo: casos brasileiros*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

BECK, U. GIDDENS, A. LASH, S. *Modernização Reflexiva*. São Paulo: Edunesp, 1997

BORGES, Fábio M. Sociabilidade nas lan houses das periferias. *Ponto-e-vírgula*, São Paulo, 6: 218-234, 2009.

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectivas, 1974.

CALLON, Michel. Entrevista com Michel Callon: dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. *Sociologias*. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.2008>, n.19, pp. 302-321. ISSN 1517-4522

_____. 'Society in the making: the study of technology as a tool for sociological analysis'. Em W. Bijker et alii (ed.). *The social construction of technological systems. New directions in the sociology and history of technology*. Cambridge, Mass., Mit Press, 1986.

CAMPBELL, C. *A ética romântica do espírito do consumo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001

CASTILHO, Sergio. *Memória, Experiência Urbana e entre Famílias Populares no Bairro do Jacintinho, Maceió, Nordeste do Brasil*. In LEITÃO, D.K. LIMA, D.N.

Antropologia & consumo: diálogos entre Brasil e Argentina. 2006 - Edit
ora AGE Ltda GOMES, Laura Graziela F. F. Fansites ou o “consumo da expe
riência” na mídia contemporânea. Revista Horizontes Antropológicos, Port
o Alegre, ano 13, n. 28, p. 313-344, jul./dez. 2007. GRANOVETTER, M. A
força dos laços fracos: uma rede. Teoria Sociológica 1 – 201-233 "The Strength of We
work Theory Revisited". Sociological Theory 1 : 201–233. HYPERLIN
K "http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=pt-BR&prev=/search%3Fq%3Dgranovetter%26hl%3Dpt-BR%26biw%3D1366%26bih%3D620%26prmd%3Dimvnsb&rurl=translate.google.com.br&sl=en&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Digital_object_identifier&usg=ALkJrhh-3FGIyA9NI1DvblXAEOK_nmQoTg" \o "Digital Object Identifier" doi : HYPERLINK "http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=pt-BR&prev=/search%3Fq%3Dgranovetter%26hl%3Dpt-BR%26biw%3D1366%26bih%3D620%26prmd%3Dimvnsb&rurl=translate.google.com.br&sl=en&u=http://dx.doi.org/10.2307%252F202051&usg=ALkJrhjbb2xqNFAxYXhxY-J0C8PUyVe8xQ" 10.2307/202051 . HYPERLINK "http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=pt-BR&prev=/search%3Fq%3Dgranovetter%26hl%3Dpt-BR%26biw%3D1366%26bih%3D620%26prmd%3Dimvnsb&rurl=translate.google.com.br&sl=en&u=http://en.wikipedia.org/wiki/JSTOR&usg=ALkJrhh7NeDNX64w_S0OUcQvKfCs3950Pg" \o "JSTOR" JSTOR HYPERLINK "http://translate.googleusercontent.com/translate_c?hl=pt-BR&prev=/search%3Fq%3Dgranovetter%26hl%3Dpt-BR%26biw%3D1366%26bih%3D620%26prmd%3Dimvnsb&rurl=translate.google.com.br&sl=en&u=http://www.jstor.org/stable/202051&usg=ALkJrhgmUYBT542ktTIIfzPLDlm8lBvgxQ" 202051 . . 1983 KRAPP, J .G. Cultura, resistência e astúcia na comunidade da Mangueira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Anais...São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM YACCOUB, Hilaine de Melo. Atirei o pau no “gato”. Uma análise sobre consumo e furto de energia elétrica (dos “novos consumidores”) em um bairro popular de São Gonçalo - RJ . Dissertação (Mestrado) apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2010. LATOUR, Bruno. 2006. Como prosseguir a tarefa de delinear associações? Configurações 2:11-27. 2005. LAW, John. O laboratório e suas redes. Reprodução livre, em Português Brasileiro, do texto original de John Law para fins de direitos preservados. Disponível em HYPERLINK "<http://www.necso.ufrrj.br>" <http://www.necso.ufrrj.br> . Acesso em: 05/05/2011. LIPOVETSKY, Gilles. A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Companhia das Letras, São Paulo, 2007. MAGNANI, Jose Guilherme. “Quando o campo é a cidade, fazendo antropologia na metrópole”. In MAGN

ANI, Jose Guilherme & TORRES, Lilian de Lucca. Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo, Edusp; Fapesp, 2000. MILLER, Daniel. SLATER, Don. "Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad", em Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2004, ano 10, n.º 21, pp. 41-65, Janeiro/Junho.. SORJ, Bernardo. Internet na Favela: Quantos, Quem, Onde, Para quê. HYPERLINK "http://www.bernardosorj.com.br/pdf/internet_na_favela.pdf" http://www.bernardosorj.com.br/pdf/internet_na_favela.pdf VALLADARES, Lícia. Cem Anos (re)pensando a Pobreza Urbana no Brasil. Revista ANPOCS: Pobreza Urbana – 13 ano11, 1989. Sites Pesquisa dos: HYPERLINK "<http://www.ibge.gov.br/home/>" <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso: 03/05/2012 HYPERLINK "<http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/home/index.php>" <http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/home/index.php> Acesso: 20/05/2012 <http://www.overmundo.com.br/> Acesso: 25/05/2010 <http://www.vooz.com.br/> Acesso: 25/05/2010 Docente UFES, doutoranda em Antropologia UFF – HYPERLINK "<mailto:pppavesipatricia4@gmail.com>" pppavesipatricia4@gmail.com Disponível em : <http://www.vooz.com.br/> Acesso: 25/05/2010 Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/> Acesso: 25/05/2010 O Censo é uma iniciativa da Redes da Maré em parceria com o Observatório de Favelas, HYPERLINK "<http://www.fordfoundation.org/>" \t "_blank" Fundação Ford e HYPERLINK "<http://www.petrobras.com.br/pt/>" \t "_blank" Petrobras, patrocínio da HYPERLINK "<http://www.actionaid.org.br/>" \t "_blank" Action Aid e apoio do HYPERLINK "<http://www.rio.org>" \t "_blank" Rio de Janeiro e GE * MERGEFORMAT 9 Ëa